

Globethics Repository



Nosso modelo energetico e suicida [Our energetic and suicidal model]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Vidal, Bautista
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-17 01:29:51
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163026

Entrevistas da Semana

Nosso modelo energético é suicida. A solução pode estar aqui, no Brasil

Entrevista com Bautista Vidal



José Walter Bautista Vidal é ex-secretário de Desenvolvimento de Política Industrial do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio dos Governos Geisel (1974-1978) e Sarney (1985-1988) e foi o responsável pela implantação do Programa Nacional do Alcool (Proalcool). O engenheiro, com pós-graduação em Física pela Universidade de Stanford (EUA, presta,

atualmente, consultoria a diversos organismos internacionais e nacionais. É autor de numerosos livros, entre os quais citamos *Poder dos Trópicos - Meditação sobre a alienação energética na cultura brasileira*. São Paulo: Casa Amarela, 1998 e *Brasil, civilização suicida*. Brasília: Nação do Sol, 2000. Bautista Vidal também atuou nas cátedras da Unicamp por dois anos e na UnB a partir de 1988. O professor visitou a Unisinos, no passado 29 de agosto, para participar da banca de defesa da dissertação, intitulada *Análise da Formação das Políticas de Ciência e Tecnologia no Estado do Rio Grande do Sul – 1987 a 1998*, do aluno Raul Graf de Miranda, agora mestre em Administração pela Unisinos. A entrevista que segue foi concedida por telefone.

IHU On-Line entrevistou José Walter Bautista Vidal, com o título O Brasil pode suprir de energia o resto do mundo, na Edição 67, de 7 de julho de 2003. O professor Gilberto Vasconcellos ministrou a palestra "A escola da biomassa e o capitalismo videofinanceiro colonial", no último **IHU Idéias**, que aconteceu na Unisinos, dia 1º de setembro de 2005.

IHU On-Line- O senhor condenou, em algumas entrevistas, a aprovação da Lei de Biossegurança,⁴⁹ dizendo que representa uma brutal transgressão ao valor sagrado da vida. Poderia explicar os argumentos que o levaram a essa conclusão?

José Bautista Vidal- Isso tem a ver com as patentes, monopólio mundial que se aplica a desenvolvimentos tecnológicos novos e que dá o monopólio ao privilegiado inventor, vamos dizer assim. Pelo que me consta, no caso das patentes do reino vegetal, não houve nenhuma invenção, na melhor das

hipóteses uma descoberta da natureza. Qual é a transferência que Deus deu para alguém ter o monopólio do ser vivo que são as sementes, por exemplo? Eu considero isso um atentado à vida, porque a vida depois de Deus é a coisa mais sagrada e deve ser respeitada. Esse problema de patentes de seres vivos é absolutamente inaceitável por valores morais, religiosos e de toda a natureza. A vida jamais pode ser considerada uma mercadoria sujeita ao monopólio mundial por um grupo de privilegiados.

IHU On-Line- Quais os riscos do plantio dos transgênicos?

José Bautista Vidal- A contaminação dos transgênicos é uma evidência e há também

49 A nova Lei de Biossegurança, aprovada em março de 2005, estabelece normas de segurança e mecanismos de fiscalização de atividades que envolvam organismos geneticamente modificados (OGM) e seus derivados. (Nota da **IHU On-Line**)

resultados, eu diria até mundiais, de grandes danos à saúde. Ratos foram alimentados com transgênicos e depois todos eles apresentaram lesões sérias em organismos vitais. Além disso, é uma alteração, o processo de mexer nos genes é um bombardeio, uma violência contra a natureza. Quais são os resultados que vão decorrer dessa alteração violenta na estrutura genética da vida, é uma coisa imprevisível. Em nome de que se fazem essas transformações? Em nome de um brutal privilégio do monopólio de um grupo econômico sem nenhuma fundamentação. É um risco descomunal a troca para favorecer grupos privilegiados que se estabelece num odioso regime de monopólio, ademais, monopólio mundial.

IHU On-Line- Como estão nossas fontes energéticas. Até quando haverá petróleo?

José Bautista Vidal - O modelo energético dos combustíveis fósseis é suicida. Sendo esses combustíveis extensiva e intensivamente usados, uma vez que eles não são renováveis, eles acabam. Como a energia é um grande fator do processo civilizatório, é a máquina do mundo, quando acaba leva necessariamente à guerra como, aliás, temos observado. Essa guerra no Oriente Médio não é uma guerra localizada, ela envolve as grandes potências nucleares e que pode resultar num terceiro conflito apocalíptico porque o combustível acabou. Nações poderosíssimas como Japão e Alemanha vão ter uma gota de petróleo e os que não têm estão invadindo e tomando dos outros. Nós estamos caminhando para uma coisa muito grave e a única solução são os combustíveis renováveis e limpos das regiões tropicais. Aí o Brasil tem uma responsabilidade imensa porque nós somos o único continente tropical. Temos um papel importantíssimo a desempenhar no futuro da humanidade e no prosseguimento do processo civilizatório.

IHU On-Line- Como buscar novas matrizes energéticas no Brasil hoje?

José Bautista Vidal- Fica muito simples porque a grande fonte primária de energia, da qual praticamente todos dependem, é o sol. É a fusão nuclear natural. Eu não acredito que o ser humano consiga construí-la, e se alguma nação o conseguisse viraria a superpotência mundial, porque teria energia infinita. Cada grama de matéria⁵⁰, pela relação de Einstein, fornece uma energia equivalente a dez mil toneladas de petróleo, então essa nação vai ficar poderosíssima. Felizmente, isso eu acho absolutamente impossível, mas o reator natural, que é o sol, existe. Assim, a única solução definitiva é usar a principal fonte primária de energia praticamente eterna. Evidentemente, um dia, o sol vai se apagar, mas isso vai ocorrer dentro de 11 bilhões de anos. Temos muita vida pela frente. O sol não basta, é necessário que haja água o suficiente, e o Brasil, além de ser o único continente tropical, detém a maior proporção de água doce do planeta, esta é a combinação ideal, sol e água. Essa é a única solução plausível para substituir os derivados fósseis. Enquanto o petróleo leva 400 milhões de anos para, a partir do sol, se transformar em hidrocarbonetos, o girassol leva apenas dois meses. Essa é a diferença crucial que dá ao Brasil uma responsabilidade muito grande por ser um “continente” tropical. As reservas de petróleo, naturalmente, estão ameaçadas de se exterminarem. Dizer quando, é difícil, porque depende muito da posição das grandes potências nucleares que estão invadindo outros países para se apoderarem das suas reservas. Provavelmente, só as nações nucleares terão ainda um prolongado período de uso do petróleo existente, as outras não terão acesso.

IHU On-Line- O senhor sente que, aqui no Brasil, há uma preocupação real nesse sentido?

José Bautista Vidal- No meio em que eu circulo, há uma preocupação muito grande,

⁵⁰ Albert Einstein definiu matéria como energia condensada. (Nota da ***IHU On-Line***)

mas eu não sei se a classe dirigente brasileira está preocupada. É claro que deveria estar. O mundo está muito preocupado. No Fórum Mundial de Energias Renováveis, que houve na cidade de Bonn⁵¹, ex-capital da Alemanha, no ano passado, isso ficou evidente. Inclusive, o mundo inteiro reivindica que o Brasil retome aquele programa tão exitoso do álcool, que foi massacrado. O problema do álcool é apenas a ponta de um imenso *iceberg*. O potencial é realmente imenso e dá para suprir o mundo em condições razoáveis por um longo período. Aliás, eu diria para sempre, enquanto tiver sol e água.

***IHU On-Line-* O senhor mencionou o Próálcool que o senhor mesmo criou. Ainda há alguma expectativa de ser retomado?**

José Bautista Vidal - Isso as pressões mundiais vão obrigar. Países como Japão e Alemanha já estão fazendo forte pressão para que o Brasil retome volte a ser a única nação, em 27 anos, que tem um programa alternativo de combustível não-fóssil. As possibilidades existem e são reais, basta vontade política.

***IHU On-Line-* Falando em vontade política, como o senhor está percebendo a crise atual pela qual o País está passando?**

José Bautista Vidal - É uma crise moral, ética e de falta de compromissos com o papel que o Brasil tem em relação ao mundo, já que temos a única solução, a principal alternativa ao petróleo, a única solução para o efeito estufa, para a mudança de clima, elevação da temperatura da terra. Também, na área da água, na área dos minerais, o Brasil tem um peso muito grande no futuro do mundo. A sociedade brasileira precisa ficar consciente dessa realidade para desempenhar o seu papel, que é, inclusive, um papel na direção da paz. Se esta guerra em relação ao petróleo prosseguir, nós vamos ter problemas sérios de um possível conflito apocalíptico das

nações hegemônicas. Grande parte das nossas dificuldades é devido a essa pressão externa para destruir o Estado brasileiro, quer dizer, não é só o governo que está em crise. O que está em risco é a destruição do Estado, que o governo Fernando Henrique Cardoso pretendeu, e que quase conseguiu, e está tendo prosseguimento no governo atual. Isso tem que parar para que o Brasil possa, soberanamente, ajudar o mundo a sair dessa dificuldade gravíssima, que é o fim das reservas dos combustíveis fósseis.

***IHU On-Line* - O senhor estabelece relações entre a crise política e o potencial energético do País?**

José Bautista Vidal - Não há dúvida, a energia é uma questão gravíssima, e o fato do Brasil ser a solução põe o país em uma encruzilhada. Ou ele vira a grande potência energética líquida do planeta ou vão esmagar o Brasil, ou vão invadi-lo, não sei o que vai acontecer. Nós temos que assumir o nosso papel e defender até as últimas consequências esse patrimônio que vai servir para dar continuidade ao processo civilizatório. Como nós somos a solução, o Estado brasileiro está sendo fortemente pressionado e enfraquecido para que as potências hegemônicas possam vir e se suprir aqui, desrespeitando a constituição, desrespeitando a soberania nacional, desrespeitando o futuro glorioso que eu espero que o povo brasileiro venha a ter com todos os merecimentos de um maravilhoso povo.

***IHU On-Line* - O senhor tinha outras expectativas do governo atual?**

José Bautista Vidal - Tinha. Como todos nós tínhamos. Inclusive eu defendia a candidatura do Lula quando diziam que ele era despreparado. Eu sempre disse que ele é um homem inteligente, um brasileiro consciente e que poderia reunir ministros de alta qualificação e até realizar um governo excepcional. Infelizmente isso não ocorreu, ele não se cercou de pessoas com experiência, com compromissos, com patriotismo e aí está uma das razões. Na

51 Conferência mundial sobre energias renováveis que contou com a presença de 3.000 participantes de mais de cem países. (Nota da ***IHU On-Line***)

política econômica suicida, está uma das razões da crise que estamos vivendo. É uma crise de nacionalidade e ante o papel enorme que os patrimônios estratégicos e naturais brasileiros têm, no futuro do mundo, isso começa a ficar muito feio e as intervenções externas por meio, principalmente, do setor financeiro, estão deixando o País e o povo brasileiro em situação muito difícil. Essas dívidas, esses juros e essa política econômica são absolutamente incompatíveis com o momento atual e com o nosso papel ante o mundo.

IHU On-Line - A política econômica está, então, no centro da crise?

José Bautista Vidal - É uma política econômica absolutamente suicida, baseada em moeda falsa que massacra financeiramente o País, deixando-o sem condições de se recuperar. Há um projeto de lei, que já foi aprovado pela Câmara, de entregar quarenta milhões de hectares da floresta amazônica a grupos externos por sessenta anos, renováveis por mais sessenta. Isso é uma cessão de território, é um crime histórico. Essa história da reserva indígena da Serra do Ouro, que é uma das regiões mais mineralizadas do mundo, e todo esse entreguismo que vem dominando a sociedade brasileira desde a época do Collor, dando prosseguimento gravíssimo com o governo Fernando Henrique Cardoso. Estamos perdendo os nossos patrimônios estratégicos a troco de nada, e o nosso povo caminhando para uma situação de miséria e de desespero.

IHU On-Line - A que o senhor atribui o rumo que o governo tomou em vez de tomar o que era esperado?

José Bautista Vidal - O governo não está tendo condições de resistir, de se impor e fazer valer as prerrogativas de independência, de soberania, que são absolutamente cruciais para o nosso futuro e para que possamos desempenhar o papel que o mundo espera ante essas condições gravíssimas de fim da era do petróleo, do

problema da água, do problema de dificuldades enormes das nações hegemônicas no setor mineral, etc. A soberania e a independência são fatores que o Brasil precisa conquistar para desempenhar o seu papel. O governo não está contribuindo para isso por despreparo, ou por estar acuado com uma situação financeira muito difícil. Hoje 76% do Produto Interno Bruto do Brasil já é de propriedade de não-residentes no Brasil. Ora, 76% é o poder, rapidamente eles vão ser donos de 95%, o que é inadmissível e não pode ter continuidade. O governo deve rever profundamente as suas políticas senão não está correspondendo ao que o povo brasileiro espera dele. Isso leva necessariamente a destruição do Estado brasileiro.

IHU On-Line - O senhor fala muito em um projeto de desenvolvimento nacional, uma expressão que, para alguns, tornou-se obsoleta. Como engenheiro e físico nuclear, que conselhos daria para realizar esse projeto de desenvolvimento nacional?

José Bautista Vidal - Isso faz parte da importância do Brasil no futuro do mundo. Na hora em que o País não se desenvolve, na hora em que projetos saudáveis não aparecem, o povo enfraquecido, perde a auto-estima, perde a autonomia e independência. Tudo isso faz parte de um só contexto, e o problema brasileiro não é restrito ao Brasil, está ligado a essas perspectivas perigosas que o mundo está enfrentando e que mostram que realmente o mundo está em guerra. A guerra do Oriente Médio, onde estão localizados 85% do petróleo do mundo, não está mais confinada ao Oriente Médio. Já está nas torres de Manhattan, já está na invasão do Afeganistão, já está no golpe de estado na Venezuela, já está em Londres, mas tudo isso está ligado à questão energética. Nós estamos vivendo um momento muito perigoso e é preciso que haja consciência sobre isso para que as pessoas se comportem e ajudem a fim de que recuperemos a nossa soberania e o nosso

desenvolvimento. Temos tudo para que seja um desenvolvimento limpo e sustentável e que torne o nosso povo feliz e que possa ajudar os outros povos nos graves problemas que a humanidade está

enfrentando. Na realidade, existem dois colapsos civilizatórios, o dos combustíveis fósseis e o do efeito estufa. Só o Brasil teria condições naturais de resolver esses dois problemas cruciais da humanidade.

Brasil: A mudança está em nossas mãos. O Grito dos Excluídos

Entrevista com Ari Alberti

Pela décima primeira vez consecutiva, o Grito dos Excluídos ecoará por todo Brasil no dia 7 de setembro. O evento, que deve contar com a participação de 1800 comunidades, tem em 2005 o lema Brasil: Em Nossas Mãos a Mudança. A redação da revista *IHU On-Line* conversou com Ari Alberti, da coordenação nacional do **Grito dos Excluídos**.

Ari Alberti, gaúcho, participa da coordenação do Grito dos Excluídos desde o início, em 1995. Ele era, então, da coordenação nacional da 2ª Semana Social Brasileira, donde nasce a iniciativa do **Grito dos Excluídos**. O tema da 2ª Semana Social Brasileira era: O Brasil que a gente quer e realizou-se nos anos 1992 a 1994.

Ari Alberti, há muitos anos radicado em São Paulo, trabalha no Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM.

IHU On-Line – Qual é o objetivo do Grito dos Excluídos em 2005?

Ari Alberti - O Grito dos Excluídos tem 11 anos de história e seus objetivos são três e permaneceram ao longo dos anos: denunciar a situação de exclusão, ser um espaço de voz de manifestação dos excluídos e apontar, sinalizar possíveis saídas. Como é um evento descentralizado, cada local, depois, terá seus objetivos específicos.

IHU On-Line - Onde o movimento é mais forte?

Ari Alberti - Sempre quisemos caracterizar o Grito como algo descentralizado e não um espaço para discurso de lideranças. Queremos desencadear um processo, e não ser apenas um evento. Assim se pode passar informação e ajudar no protagonismo do povo. É claro que em Aparecida, São Paulo, tem toda uma tradição, tem a Romaria dos Trabalhadores, que acontece

há 18 anos no mesmo dia. Aparecida serve como caixa de ressonância. Mas tivemos em Salvador, no ano passado quase 40 mil pessoas, em Recife e Fortaleza, reunimos 10 mil pessoas. Tem esses grandes atos, mas o Grito acontece nas comunidades do interior com 50, 60 pessoas, com a mesma simbologia, o mesmo lema. Isso é muito bonito, tem essa integração. A primeira edição aconteceu em 175 localidades. Agora, projetamos algo em torno de 1800 comunidades.

IHU On-Line – Quem são os excluídos?

Ari Alberti - No Brasil, a população é de 180 milhões de habitantes. Quem decide o que será produzido e consumido pensa em uma população de 50 milhões de habitantes. É um grande mercado consumidor. E os outros 130 milhões? Não se pensa neles. Essas pessoas são os excluídos. O desempregado, o cara que não tem casa, não tem terra, não tem acesso à saúde,